

## UMA PORTA ESTREITA

*Renata Damiano Riguini\**

### **RESUMO:**

Neste artigo, buscamos articular a partir do livro ‘A porta estreita’, escrito por André Gide em 1909, as noções de desejo e amor em Lacan. O texto de Gide foi escolhido por ser uma obra prima do tema e, aqui, o amor gideano nos parece entrever a verdade do amor. “Ah”, um dia exclamou Gide, “quem saberá o que é o amor de um uranista!”. Verdadeiro amor? Amor impossível? Possível amor? Portas se abrem...

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Desejo. Verdade.

---

\* Renata Damiano Riguini é Psicóloga, Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFMG. Especialista em clínica psicanalítica, hoje atua em consultório particular tendo vasta experiência em saúde mental. Endereço: Rua Vitória Marçola, 394/101. Anchieta, Belo Horizonte – MG, cep: 30310360. Telefone: 92980388. E-mail: rriguini@gmail.com.

“Estreito o bastante para que qualquer fuga seja vã”

Samuel Beckett, *O despovoador*.

Este artigo refere-se ao romance de André Gide *A porta estreita*, publicado pela primeira vez em 1909, e cujo título fora resgatado do Evangelho de Lucas (Lucas, XIII, 24) onde se lê: “Porfiai por entrar pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição, e são muitos os que entram por ela; mas estreita é a porta e apertada é a senda que conduzem à Vida, e são poucos que a descobrem”.

O versículo acima citado aparece no livro na voz do pastor Vautier – tio de Jérôme e pai de Alissa, protagonistas de uma bela história de amor – e aos ouvidos de Jérôme que, neste instante, resgata a imagem da tia, Sra. Vautier, em atitude suspeitosamente clandestina, vista em seu quarto: “ela estava deitada e sorridente; ao seu lado a figura brilhante do tenente também sorria... e a própria idéia do riso, da alegria, era como uma ferida, um ultraje, e convertia-se em odiosa ampliação do pecado!” (Gide, 1909, p. 24).

Ler *A porta estreita* parece requerer ainda um esforço. Aqui se pretende transmitir um gesto no qual a visada seria permitir, que uma vez mais, a mensagem de Gide se fizesse ouvir. Muitos escreveram sobre a vida e obra de Gide, mas claro está que nada dele se esgota, ao contrário, perfila-se no desfiladeiro do desejo do leitor. Imiscui-se, como heterogêneo, na falta de cada um. Aqui, não pretendemos fazer um estudo literário – pois que não há elementos suficientes ou eficientes para tanto – ou mesmo biográfico – apesar de sabermos das similitudes entre a vida de Gide e sua prima Madeleine com Jérôme e Alissa – mas buscar, com uma leitura

lacaniana, colher a mensagem do amor gideano, sabendo entretanto, que trata-se de tentar alcançar o impossível (impossível do amor impossível?).

Para uma leitura lacaniana, uma indicação é encontrada no artigo ‘*A juventude de Gide ou a letra e o desejo*’ (1958, p. 752): “Só importa, com efeito, uma verdade que provenha daquilo que, em seu desvelamento, a mensagem condense”. E, para tanto, Lacan também deixou a dica ao pontuar, mais uma vez, que a leitura de uma obra pela psicanálise não convém ser chamada de psicanálise aplicada, pois que a psicanálise só se aplica em um tratamento. Assim, “fora deste caso [o tratamento analítico] só pode tratar-se do método analítico, aquele que procede a decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado” (Ibid., p. 758). Mesmo, ou principalmente, se a existência de tal significado dado a priori se deva à experiência “real” do autor. Vale ainda por mais um momento nos determos neste ponto e ressaltar que, em psicanálise, o que interessa é a Outra cena, aquela que no sujeito se escreveu no inconsciente e, em sua obra, se escreve – mais uma vez – como Outra ficção na qual só podemos encontrar, na ordenação de uma narrativa, a estrutura do sujeito, vale dizer, do sujeito do inconsciente.

O jovem Jerôme, aos treze anos, descobre-se em profundo amor pela prima, dois anos mais velha, Alissa. Esta era a filha mais velha dos Vautier cujo pai era irmão da mãe de Jerôme – mulher discreta e polida – casado com uma mulher sensual e atraente. A infelicidade desta respeitada família era o caso que a Sra. Vautier, talvez em seus decotes generosos, mantinha em “segredo compartilhado” com um jovem tenente. Alissa, a filha mais velha do casal, era fisicamente muito parecida com a mãe, mas de caráter sumamente diferenciado aparentando-se, neste ponto, à mãe de Jerôme. A moça manteve-se ao lado do pai que fora abandonado pela

esposa devotando-lhe, até a morte, sua terna atenção. Alissa, que não falava sobre a mãe, continha no entanto em seu decoro, o avesso da infidelidade, do “pecado”, da mãe.

Ao declarar a Alissa seu amor, Jerôme se descobre correspondido, mas este amor não se realiza, e se mantém na linha cerrada do amor cortês. Este ponto, o ponto do amor é o que aqui nos interessa. Para a psicanálise, há uma tênue linha entre o amor e falta. Os mais apressados dirão, talvez, que é a falta responsável por se buscar o amor – como tantas vezes escutamos falar de que o outro que amo me completa, deixando nas entrelinhas a própria falta, que pelo parceiro deve ser obturada. Mas, ao observar de perto, é o amor que instaura a falta lançando o sujeito nos trilhos de seu desejo. Não foi assim que Freud leu o mito de Édipo? Foi por amor ao pai que o sujeito renuncia à mãe e, só a partir desta falta, poderá desejar outras mulheres. Este é o momento onde o desejo se conjuga com a lei na organização psíquica do *infans*.

A falta é, portanto o motor do desejo, e o extravio do desejo só permite ao amor encerrar-se no imaginário – no amor narcísico, “completo” em sua unidade mítica, para enunciarmos em termos freudianos – e não alcançará nada além de uma beleza morta. Ao contrário, um amor que se abre para a vida é aquele que a falta faz vibrar. Diferente de completude, hábito ou apaziguamento, o amor pautado na falta – onde amo justamente o que falta ao outro – busca e não se permite adormecer.

Lacan em seu sétimo Seminário *A ética da psicanálise* (1959-60) pôde colocar, como exemplo extremo desta condição de amor, o amor cortês. Assim, para manter a falta, os amantes cultivavam um amor impossível que se encontra, por exemplo, no canto dos trovadores, que exaltavam acima de tudo a Dama que lhes ocupava o pensamento e o coração. Este amor cortês se responsabilizava por manter a falta ao sustentá-la na medida em que a distância de

qualquer concretização do amor se estabelecia. Neste sentido, trata-se de uma sublimação, de uma satisfação fora da cópula.

Portanto, o que nossos trovadores sabiam (e ainda hoje, na clínica, nos deparamos com isto) é que o amor cortês visa manter esta falta por ser ela constituinte do desejo – condição da vida – na irrealização do encontro e Lacan (1958, p. 768), neste sentido, pôde dizer, a respeito de Gide, que para este “não é tanto seu gozo que o ocupa, mas seu desejo, que ele não negligencia”. E a economia do desejo implica no paradoxo que ele não se realize, restando-lhe a saída pela metonímia que anima o sujeito.

*A porta estreita* é um livro que revela as condições que o desejo coloca ao amor para que este venha a substituí-lo – que a falta permaneça. Assim, Jerôme e Alissa, marcados também, ou afortunadamente, por uma distância espacial, mantêm volumosa correspondência. Jerôme, com a carne cortada pelo desejo sensual em plena adolescência – encarnado e representado pela mãe de Alissa – e a alma voltada para a pureza divina, exalta a mulher amada, tornando-a mulher ideal, fazendo ‘A mulher’ existir sob a máscara de Alissa:

Essa pregação austera [a do pastor Vautier acima citada] encontrava uma alma já preparada, naturalmente pronta para o dever; o exemplo de meus pais, somado à disciplina puritana a que haviam submetido os primeiros impulsos de meu coração, acabava de predispor-me para o que chamavam de virtude. Para mim era tão natural reprimir-me como para outros abandonar-se, e esse rigor a que me sujeitaram, longe de ser desagradável, me seduzia. (Gide, 1909, p. 26).

Sobre Alissa, mulher ideal aos olhos de Jerôme, e sobre o amor cortês o qual a ela dedicava, assim Gide se exprimiu na voz do narrador e amante Jerôme:

Alissa era a valiosa pérola de que fala o Evangelho; e eu era o homem que vende todos os seus bens somente para possuí-la. Estarei errado em chamar amor o sentimento que, em tão tenra idade, dedicava a minha prima? (...) Trabalhos, esforços, ações piedosas, tudo era uma oferenda mística a Alissa, imaginando um refinamento de virtude capaz de lhe esconder o que eu fazia tão somente por ela. (Ibid., p.27).

Cartas e cartas de amor davam consistência à promessa dos primos, mas Alissa não tardou a entender que este amor – como todo amor – só seria, digamos, O Amor, na falta: e ao primo Jérôme e ao amor colocou empecilhos – que ele era muito jovem, que ela era mais velha que ele, que sua irmã caçula, Juliette, o amava. Por fim, afirmou contundentemente que só poderia amá-lo em sua ausência e escreveu-lhe:

Digo-lhe seriamente que é melhor adiarmos por mais algum tempo nosso reencontro. acredite-me: quando o tiver ao meu lado, não poderei pensar mais em você. Não fique preocupado com que vou dizer-lhe, mas neste momento não desejo sua presença. Será que devo confessar? Se eu soubesse que você viria esta noite... fugiria. (Ibid., p. 87).

E, passado o tempo e depois do demorado, esperado e, por fim, desafortunado encontro, ela lhe escreve:

Meu amigo, que triste reencontro! Você parecia dizer que a culpa era dos outros, mas não conseguiu convencer nem a si mesmo. E agora eu creio, eu sei que será sempre assim. Ah! Rogo-lhe que não voltemos a nos ver. (...)

Oh! Não o amo menos, meu amigo! Ao contrário, nunca senti com uma intensidade tão grande, que me deixava perturbada, embaraçada mesmo, cada vez que você se aproximava de mim, o quão profundamente eu o amava; mas desgraçadamente sou obrigada a confessar: eu o amava mais à distância. Infelizmente eu já suspeitava disso! Esse encontro tão desejado acaba de confirmar minhas suspeitas, e é importante que você também, meu amigo, se convença dessa verdade. Adeus, amado irmão; que Deus o proteja e o guie: só d'Ele que impunemente nos podemos aproximar” (Ibid., p. 101).

A insistência de Jerôme associada ao indiscutível amor de Alissa não tardou a incliná-los para novos encontros. Entretanto, cada vez mais Alissa sentia a impossibilidade de manter o amor de Jerôme onde este o mantinha – idealmente – e tratou de mostrar, como só uma mulher poderia mostrar – o lugar que ocupava na economia psíquica de seu primo – ela se descobre o próprio objeto causa de desejo<sup>1</sup> deste homem e, num último golpe, identifica-se a este objeto em sua face de resto, de dejetivo, em sua “santidade”<sup>2</sup>. Alissa não mais concede atenção a Jerôme e renuncia a qualquer vaidade destituindo-se de todo atributo que fosse fálico, em outros termos, Alissa não se identificava mais ao falo – substituto imaginário do objeto pequeno *a* – implícito à idéia de mulher ideal, em nome da virtude santa, “um dever”, que consistiria em dedicar-se a Deus e às “pobres almas” com as quais busca se identificar ao defini-las como aquelas que “inclinam-se diante de Deus como plantas agitadas pelo vento, sem malícia, sem inquietação, sem beleza. Elas não fazem um alto juízo de si próprias e sabem que o único mérito está em anular-se em face de Deus” (Ibid., p. 116).

---

<sup>1</sup> O conceito de objeto *a*, forjado por Lacan, para ser explicitado com poucas – e certamente insuficientes – palavras, é um objeto lógico deduzido da operação da entrada do sujeito enquanto tal no universo Simbólico, ou seja, das relações do sujeito com o Outro. Neste sentido, ele é o objeto para sempre perdido que o sujeito busca em seu desejo. Ele é causa deste desejo, portanto e, além disto, paradoxalmente, ele é o resto, o dejetivo. Lacan afirma que, para o homem, a mulher escolhida é aquela que funciona, fantasmaticamente, como este objeto em sua face de fetiche.

E, ainda acompanhando esta idéia:

Contudo, na antevéspera de minha partida, Alissa acompanhou-me até o banco da mangueira abandonada (...). E, não podendo sufocar minha queixa, mostrei-lhe a extensão do luto que substituía a minha felicidade de outrora.

- Mas o que posso fazer, meu amigo? – indagou ela de chofre. – Você tomou-se de amores por um fantasma.

- Não, um fantasma não, Alissa.

- Uma figura imaginária.

- Oh! Não é uma invenção. Ela era a minha amiga. Eu a quero de volta. Alissa! Alissa! Você era aquela que eu amava. O que fez a si própria? Em que se transformou?

Jerôme, convencido de sua ilusão e destituído de qualquer vitalidade ou prazer, decidiu aceitar um convite para trabalhar em outro país. Entre ele e Alissa, só silêncio.

Mais tarde, três anos depois, eles vieram a se reencontrar. Alissa demonstrava uma saúde frágil e era quase irreconhecível em seus trajes maltrapilhos. Jerôme ainda tenta reatar o noivado, mas Alissa permanece irredutível e argumentando que o amor que sentia por ele a elevava tanto que “*qualquer alegria humana o teria lançado por terra*” e que, se o amor dos dois deixasse de ser perfeito tal como o que ficara escrito nas cartas, ela não mais suportaria.

Menos de um mês depois, Jerôme recebe uma triste carta de Juliette – irmã de Alissa – informando-o de sua morte em uma modesta casa de saúde onde se refugiara a fim de dedicar seus últimos dias a Deus. Na mesma carta, Jerôme toma conhecimento de que Alissa deixara seu diário para ele, para que ele o lesse quando sua pena já lhe havia caído das mãos. Neste diário, mais uma vez ela revela seu grande amor pelo primo destinatário de suas memórias,



mas revela também seu esforço em destituir-se de seu amor em um ato de sacrifício, para que encontrasse o “rochedo da felicidade” e para que, também seu amado Jerôme, pudesse alcançá-lo: “Jerôme, eu gostaria de ensinar-lhe a alegria perfeita”. Esta é sua última frase escrita e podemos inferir que, para Alissa, essa alegria perfeita só acontecera no amor que se fez místico que dela emanava por Jerôme. Para Jerôme, Alissa permanece, até o fim de seus dias, a imagem de sua própria virtude e para afastar-se da idéia e lembrança de Alissa, também se distanciava de tudo que era virtuoso, entregando-se ao “vício e a libertinagem”, como o avesso de tudo que poderia ter sido.

O livro extrai e transmite, com tamanho esclarecimento que escapa a grande maioria dos textos sobre o tema, a verdade do amor. Jerôme e Alissa tentaram, pelas muitas cartas, escrever o amor, mas foi no encontro que sua verdade foi desvelada, o “sulco da falta” – que muitos homens tratam de velar com o amor ideal – permanece em sua “contundência de faca” (Lacan, 1958, p. 770). Para Lacan, Gide sabia a verdade do amor, do que o amor pode ter de sublime – colocado em sua obra – e de abjeto, ao ver-se privado do objeto que garante à existência desejante “uma privação desumana, surgida da memória com espectro ofendido em sua mais tenra necessidade” (Idem). Lacan destaca de outro livro de Gide – ‘Diário’ – uma frase que no presente texto, pode ressoar como tambor: “que mais não oferece, no lugar do ardente coração, senão um furo”.

A porta sendo o limite entre dois espaços, sendo possível tanto abrir quanto fechar, pode apontar-nos para Outro lugar, o lugar atrás da porta das lembranças infantis e das fantasias escondidas, o lugar onde a verdade do sujeito se aloja e se acomoda: a verdade do objeto e da falta. A porta é um recorte – assim como uma janela, ou uma fenda – por onde o sujeito, impossibilitado pela linguagem, recorta a realidade. A porta é acesso ou tranca.

O livro é também *uma* porta estreita que se abre e de onde se espreita o impossível do qual se constitui amor. E, com a epígrafe de Beckett aqui colocada, recortada e amputada, apontamos ainda que para o sujeito não haveria outra saída possível senão o amor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECKETT, Samuel. (1968-70). *O despovoador*. Trad, Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo; Martins Fontes, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

GIDE, Andre. (1909). *A porta estreita*. Tradução de Roberto Cortes Lacerda. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.

LACAN, Jacques. (1958). “Juventude de Gide ou a letra e o desejo”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. (1959-60). O Seminário: livro VII. *A ética da psicanálise*. Trad.: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

## A STRAIT GATE

### **ABSTRACT:**

In this article, we had tried to articulate from the book 'The narrow door', written by Andre Gide in 1909, the notions about desire and love in Lacan. The text from Gide was choosed because it's a primorous text from the theme and, here, the gidean love is about to show the truth of love. Someday, Gide says: "who knows what's an uranist love!". True love? Impossible love? Possible love? Doors are opening...

**KEYWORDS:** Love. Desire. Truth.

## UNE PORTE ÉTROITE

### **RÉSUMÉ:**

Dans cet article, nous tentons d'articuler, à partir du livre "La porte étroite d'André Gide, 1909, les concepts d'amour et de désir de Lacan. Le texte de Gide a été choisi pour être un chef-d'œuvre de la question, et ici, l'amour gideano semble percevoir la vérité de tout amour. Un jour, Gide exclamé: "Qui sait ce que l'amour de un Urania?. True love? Amour impossible? Possibilité de l'amour?"

**MOTS-CLÉS:** Désir. Amour. Vérité.

Recebido em 28/08/2009

Aprovado em 10/09/2009

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.  
[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)